

Enquanto o País Assiste ao Oscar

Edson Cabral (*)

Confesso que sempre acho curioso quando chega a noite do Oscar. Nos últimos dois anos, o país praticamente parou por algumas horas. As redes sociais se enchem de comentários, torcidas se formam como em final de campeonato e, de repente, todo mundo lembra que o cinema existe.

Eu também assisto. Como cineasta, seria impossível não assistir.

Mas, enquanto acompanho aquela cerimônia cheia de luzes, discursos e aplausos, não consigo deixar de pensar no outro lado do cinema — aquele que não aparece nas transmissões. O lado de quem faz filme longe dos grandes centros.

Quando vejo obras como *O Agente Secreto*, do talentoso Kleber Mendonça Filho, e *Ainda Estamos Aqui*, de Walter Salles, sinto orgulho. É o cinema brasileiro dialogando com o mundo, com força estética, reconhecimento e espaço nos festivais internacionais. São filmes que reafirmam nossa capacidade de criar narrativas potentes, capazes de ocupar qualquer tela do planeta.

E há algo que une essas obras ao meu *Doutor Araguaia*: todas, à sua maneira, revisitam as feridas abertas da Ditadura Militar. Cada uma ilumina, por um ângulo distinto, os silenciamentos, as violências e as cicatrizes que esse período deixou no país. São filmes que não permitem que a memória seja apagada — e que lembram ao Brasil que o passado ainda pulsa no presente.

Quando comecei a trabalhar em *Doutor Araguaia*, eu sabia que não estava apenas fazendo um filme. Eu estava tentando resgatar uma memória, recolocar uma história dentro da narrativa brasileira. E isso exige mais do que câmera e roteiro. Exige persistência.

Fazer cinema no Norte do Brasil não é apenas dirigir. É inventar caminhos — narrativos e, muitas vezes, literalmente geográficos. É transformar a ausência em possibilidade. É filmar com o que se tem, e não com o que se gostaria de ter. É organizar equipamentos em pequenas canoas, avançar por rios, igarapés e estradas carroçais, atravessar balsas e alcançar um Brasil profundo, por vezes esquecido e parado no tempo. Foi assim que chegamos à Vila Santa Cruz, cenário histórico da Guerrilha do Araguaia, para registrar as cenas que carregam a memória desse território marcado pela resistência.

Muitas vezes, é dirigir durante o dia, produzir à tarde, resolver problemas à noite e editar de madrugada. É convencer pessoas a acreditarem em uma história antes mesmo de saber se ela vai conseguir chegar ao público.

Enquanto alguns filmes nascem dentro de uma estrutura consolidada de produção, outros — como tantos que surgem na Amazônia e no Norte do país — nascem quase como um gesto de resistência.

Não porque falte talento. Mas porque quase sempre falta caminho. Falta distribuição. Falta infraestrutura. Faltam políticas contínuas.

Ainda assim, os filmes acontecem. Acontecem porque existem histórias que simplesmente não aceitam ficar em silêncio. E é por isso que continuo filmando.

Não por estatuetas. Não por tapetes vermelhos. Mas pela possibilidade de que, em algum momento, alguém em uma sala escura — seja num festival, numa escola ou numa comunidade — veja aquela história e reconheça nela um pedaço do Brasil que raramente aparece na tela.

Quando o país para para assistir ao Oscar, eu também paro.

Mas logo depois volto ao trabalho. Porque, enquanto o mundo premia o cinema, nós aqui no Centro-Norte seguimos fazendo o que talvez seja a parte mais difícil dessa arte: continuar acreditando que nossas histórias também merecem ser contadas.

(*) Edson Cabral é cineasta, roteirista e membro da Academia Palmense de Letras.

